

SONHO REALIZADO Com doações e ajuda de estudante, haitiana conseguiu trazer marido e dois filhos para Bento Gonçalves

Sete anos depois, enfim juntos

FLÁVIA TERRES
flavia.terres@pioneiro.com

Os dedos cruzados das mãos pequenas de Kachemi Damis, seis anos, anunciavam a ansiedade do menino de família haitiana prestes a ver pela primeira vez o pai e os irmãos. O pequeno nasceu no Brasil porque a mãe, Magdala Damis, 45, veio ao país na esperança de uma vida longe dos desastres naturais que já vitimaram mais de 250 mil pessoas no Haiti, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU).

No reencontro da família, que ocorreu na rodoviária de Bento Gonçalves, no dia 10 de janeiro, os corações disparados se uniram às lágrimas dos imigrantes que ficaram sete anos separados. Com sotaque embargado e algumas palavras arrastadas, a matriarca lembra a “emoção muito forte” quando viu todos pela primeira vez. As 60 horas de viagem feitas pelo esposo, Robert Theagene Celine, 52, e os filhos Sterline Theagene Celine, 22, e Merten Theagene Celine, 12, pareceram durar mais que os anos que passaram distantes.

O reencontro foi possível após uma rede de solidariedade formada pela família da estudante de Psicologia Thais de Matos Magagnin, que conheceu a história de Magdala e Kachemi em 2018. A jovem era estagiária no Centro de Referência Especializado de Assistência



FOTOS PORTHUS JUNIOR

Rede de solidariedade viabilizou reencontro de Merten (E), Magdala, Robert (camiseta amarela), Kachemi e Sterline (D)

Social (Cras) de Bento Gonçalves, quando se deparou com a mãe que buscava no programa CadÚnico a oportunidade de ter o que comer. Encantada com o pequeno haitiano que abraçava ela sempre que a via, Thais aca-

bou se tornando madrinha de Kachemi e amiga de Magdala.

Com uma vaquinha online criada pela jovem de 27 anos, doações e o dinheiro que Magdala guardava do trabalho na equipe de limpeza terceirizada

da prefeitura de Bento Gonçalves, R\$ 33 mil foram arrecadados e os familiares vieram para a Serra gaúcha.

– O Kach pulava de um lado para o outro na rodoviária e falava o tempo inteiro que não

via a hora de abraçar o pai. Ele estava muito ansioso para finalmente abraçar esse pai que ele só conhecia por videochamada – lembra Thais, que acompanhou de perto o reencontro na rodoviária.

“É um anjo na nossa vida”

Quando chegou no Brasil, em 2016, Magdala estava grávida de cerca de seis meses. Sem conhecer ninguém, acabou viajando de ônibus de Campinas, interior de São Paulo, até a capital gaúcha, Porto Alegre. De lá, chegou em Bento. No município da Serra, chegou a dormir na rua e precisou deixar o pequeno Kachemi sob os cuidados de uma mulher que conheceu na rodoviária, para que ela pudesse trabalhar e o pequeno ser alimentado.

Além das dificuldades por não ter comida e moradia, a imigrante haitiana enfrentou preconceito e casos de racismo.

– Quando descobriam que ela era haitiana, mandavam ela embora, porque não queriam que ela trabalhasse lá e não queriam deixar ela alugar nenhum lugar para morar – revela Thais.

Para aguentar tudo, a mãe de três filhos encontrou na fé e na amiga brasileira a força que pre-



Amizade entre Magdala e Thais ajudou a superar barreiras

cisava.

– Não conhecia ninguém, não sabia falar português, não tinha para onde ir. Foi Deus, só Ele para me ajudar, e mais tarde a Thais, que é um anjo na nossa vida – conta Magdala.

No país caribenho, a filha mais velha da haitiana, Sterline, aprendia a crescer longe da mãe

e do pequeno Kachemi. A jovem lembra que sentiu falta até dos puxões de orelha que recebia quando fazia algo de errado. Filha, pai e irmão encontraram uns nos outros o apoio para enfrentar os sete anos de saudade de Magdala e o período de insegurança no Haiti.

Em 2021, um terremoto de magnitude 7,2 atingiu o país e destruiu a casa em que os três moravam. Três dias depois, o ciclone tropical Grace e mais um terremoto, esse de magnitude 4,9, abalou novamente o Haiti, deixando familiares de Magdala desabrigados durante dias.

– A parte mais feliz agora é poder fazer comida para a família inteira, ter a mesa cheia de pessoas, estar com eles todos aqui comigo. Eu quero cuidar deles, meu marido teve alguns problemas mentais durante esses anos e agora posso cuidar deles – diz a haitiana.

Busca por pertencimento

Desde que chegaram ao Brasil, os filhos e o marido de Magdala enfrentam a dificuldade de se comunicar e se integrar à sociedade. Sem saber falar português, eles ainda não encontraram um local que ensine a língua portuguesa. Outra dificuldade é a inserção de pai e filha no mercado de trabalho local e do filho do meio, Merten, em conseguir uma vaga na escola.

– Agora eles precisam aprender a língua. A Sterline quer ser enfermeira, ela sonha em aprender a falar português. Conhecendo eles e conversando de pouquinho, a gente consegue ver a vontade que eles têm em aprender. Eles querem estar aqui, querem fazer parte desse país. Só precisam de oportunida-

de – diz Thais.

Uma alternativa para a família é o Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS). Anualmente, o campus de Bento Gonçalves abre duas turmas para aulas gratuitas de português, voltadas para estudantes estrangeiros. As atividades ocorrem em uma turma de 30 alunos por semestre e as inscrições são feitas por um formulário online disponibilizado no site do instituto. Para o primeiro semestre de 2023, ainda não há previsão de quando será iniciado o período de matrícula no IFRS.

Por enquanto, a família de Magdala reside em uma casa improvisada no térreo da moradia dos pais de Thais e aguarda por oportunidades de trabalho e educação.